

Minha primeira turma na Faculdade de Teologia

Discurso do paraninfo do Curso de Bacharel em Teologia – noturno – prof. ms. Douglas Nassif Cardoso

Senti-me honrado ao ser convidado por vocês para ser seu paraninfo. Considero um privilégio poder exercer esta função neste dia tão especial. Ser paraninfo significa acompanhá-los neste momento histórico de transposição do marco de conclusão deste curso. Desde os tempos das culturas greco-romanas cabia ao paraninfo o caráter de padrinho nas cerimônias de iniciação. A cerimônia de formatura encerra em si o aspecto de uma iniciação vocacional. Dela advém as credenciais dos formandos, seu juramento ético, a apresentação à sociedade de suas insígnias para o exercício de uma nova função.

Tenho que reconhecer que esta turma é especial para mim. Não sei se por ser a minha primeira turma na *Faculdade de Teologia da UMESP*. Os conheci no início de seu curso, em 2003. Estudamos juntos a disciplina *História do Cristianismo* utilizando como chave hermenêutica o movimento de Jesus. Analisamos diversos movimentos em momentos históricos diversos. E não faltaram pesquisas, trabalhos e as intermináveis “Linhas do Tempo”...

Mas a turma não foi especial somente por ser a primeira que lecionei neste espaço acadêmico. Houve desde o início uma relação positiva, próxima, extremamente amiga. Coisas de pele e de coração que não se explicam pela razão. De tudo, porém, uma certeza tenho: acostumei a estar com vocês, desde a cotidiana conversa informal nos corredores, na biblioteca, até aos animados encontros de final de ano.

Do paraninfo se espera uma última lição ou conselho. Durante três décadas atuei em indústrias têxteis, permitam-me trazer uma metáfora desta área, partindo dos materiais utilizados por um tear – os fios de urdume e os fios de trama. Entendo que são figuras que além de uso no senso comum, pertencem ao campo teológico por serem citadas nas Escrituras.

As nossas vidas são como “fios de urdume”, fortes e longos que se desenrolam aos nossos olhos de forma muito devagar. Nossos colegas de turma, bem como todas demais pessoas com quem nos relacionamos são os “fios de urdume” do nosso rolo da vida (estão em paralelo conosco, são nosso espaço vivencial). O que nos une uns aos outros são as experiências comuns. Nosso cotidiano surge de forma ininterrupta, com a rapidez de uma lançadeira, que deposita a cada jornada novas experiências. Estas são como “fios de trama”, com os quais nos entrelaçamos com o próximo, circunstancialmente, provocando sempre uma nova tessitura final.

Talvez seja interessante lembrar uma experiência narrada por Stanley Jones na Índia. Ao visitar uma tapeçaria estranhou desenhos de peças estendidas próximo aos tecelões. Eram desenhos feios, desencontrados, enfim, sem nenhum atrativo. Mais tarde percebeu que aqueles tapetes estavam no avesso. Olhando do “outro lado”, do chamado “direito”, constatou que os desenhos eram belíssimos. O mesmo ocorre em nossas vidas. Nosso cotidiano é tecido pelo “avesso”. Não sabemos exatamente qual será o resultado final do trabalho de nossas vidas e ministérios.

Com esta figura em mente lembrem-se que vocês, conscientes ou não, constroem, através de suas vidas, um importante produto nas coisas simples do dia-a-dia. Não temam a solidão dos inícios, pois nunca estarão sozinhos, na horizontal existem os demais “fios de urdume” que os acompanharão em sua vida, e, na vertical temos a promessa da presença constante de Deus – todos os dias até a consumação dos séculos. Não se enganem, não existe nada de menor importância no cotidiano – vocação, ministério, profissão - tenham a coragem de sonhar, viver e agir com fé, esperança e amor. Valorizem tudo que cair em suas mãos. Coloquem em prática as ferramentas recebidas no curso que concluem. Continuem a fazer lindas tessituras com suas vidas.

Minha oração: Que Deus os abençoe e derrame Sua paz em todos os seus caminhos!